

A crônica como escrita autobiográfica: A.Tito Filho e a invenção de si

ANA CRISTINA MENESES DE SOUSA BRANDIM¹

Sou hoje um caçador de achadouros da infância.

Manoel de Barros

A.Tito Filho², em 1933, então com nove anos de idade, trazia em suas memórias as lembranças de estripulias e afetividades que agora se transformavam em imagens que guardaria pelo resto de sua vida. Barras, sua cidade natal, ficava para trás, escondia-se na poeira que subia do caminhão do Juquinha Santana, devido o movimento de fricção dos pneus sobre a areia e o barro da estrada. O movimento desalinhado do veículo de carga e passageiro, fazia com que suas lembranças se confundissem e hora aparecesse suave como aquele dia claro e bonito, hora se acinzentasse e parecesse sair em forma de lágrimas que, em alguns momentos, teimavam em descer pelo seu rosto. Lembrava dos colegas que havia deixado e das brincadeiras no largo da matriz de Nossa Senhora da Conceição.

A viagem lhe descortinava uma espécie de dor e alegria, encanto e tristeza, fascínio e decepção, saudade e vontade de esquecimento. Será que jamais comeria as deliciosas rebuçadas, que as doceiras de sua cidade insistiam em vender embrulhadas em papel só para o desassossego dos meninos de seu tope. Mas quem sabe na capital, em Teresina, não encontraria outras guloseimas a altura de seu gosto. Que nada! Não encontraria jamais aqueles docinhos amarrados um a um que cansou de comprar com as moedas que seu tio Silvestre Tito Filho gostava lhe dá. Se pudesse pediria para seu pai para voltar, mas jamais teria esta coragem. Teria que se conformar. Conformer com a saudade, ela tinha um gosto adulto que lhe causava medo. Por que os adultos

¹Professora Assistente da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Mestre em História do Brasil (Universidade Federal do Piauí - UFPI); Doutoranda em História na linha de pesquisa de Cultura e Memória (Universidade Federal de Pernambuco- UFPE).

² Arimathéa Tito Filho (Barras, 1924 – Teresina, 1992). Foi historiador, cronista, jornalista, professor e Presidente da Academia Piauiense de Letras (APL) por mais de duas décadas.

inventavam sentimentos tão doloridos? Quem sabe se nas férias não pudesse voltar? Sim, as férias, elas poderiam trazer de volta restos de sua infância.

Brincar, divertir-se, fazer danças, experienciar as coisas pela primeira vez, talvez sejam sensibilidades muito comuns quando se é criança. Mas estas atitudes são fronteiras entre as palavras que as qualificam e o tempo que as acumulam e as transformam em lembranças. Para o cronista A. Tito Filho que narrou sua juventude como um período marcado pelo acúmulo de experiências, amizades e descobertas que antecederam seu reconhecimento na idade adulta, como valorou e significou sua infância? É comum lermos e ouvirmos experiências infantis enfocadas do ponto de vista da ingenuidade quase se equilibrando numa experiência de santidade. Mas é possível também encontrarmos imagens que a aproximam a uma fase de contato agudo com a crueldade. Estas possibilidades de dizer a infância se posicionam também entre a experiência da solidão e a oportunidade efusiva do encontro. Entre estes vãos situa-se um mundo onírico de reminiscências, mas não menos preñado de possibilidades, de criações de (re)atualizações.

As memórias-baú são normalmente o espaço onde transitam as lembranças da infância e da adolescência, pois nestas fases estão guardadas as primeiras experiências emotivas e sua rememoração é capaz de realizar o encontro mítico do passado com o presente, dos rastros com o momento das reminiscências, das imagens sensíveis com a experiência adulta. As crônicas enquanto sinais que atualizam as imagens do passado transformam-se em meio capaz de desencadear em quem as ler uma experiência sensível do encontro do passado no presente. Quem já não leu autobiografias, biografias ou romances narrando fatos sobre a infância e a adolescência e não pode em algum momento sentir-se participante do conjunto de imagens que partem destas evocações? Existiria uma infância comum em meio às outras infâncias? Se existe ou não talvez seja um caminho salutar de pesquisa, mas é possível reconhecer que existe, sim, uma reserva de experiências sensíveis que atravessam vários estilos de infância.

Mas qual seria o estilo de infância e adolescência que se enquadraria nas reminiscências de A.Tito Filho? Como ele a partir de suas flutuações da memória daria

a ver imagens de sua infância e adolescência? É possível através destas imagens do passado identificar certa “energia” capaz de atestar suas experiências no tempo?

Uma das primeiras imagens encontradas nas crônicas de A. Tito Filho sobre a infância (que ele gostava de denominar de “meninice”) é aquela que formula a idéia de uma fase “despreocupada e travessa”³. Talvez estivesse se referindo ao período que viveu em Barras, município do Estado do Piauí, ou na localidade denominada Porto, onde normalmente passava o período das férias. Outro local bastante afetivo para o cronista era a Fazenda Peixe (que depois passou a denominar-se Nossa Senhora dos Remédios), que pertencia a sua madrinha Beatriz Rodrigues⁴, que a deixou como herança para sua mãe Nize Rego Tito.

A vida do cronista foi marcada na infância por fortes experiências com a ausência. Primeiro a ausência da mãe que morreu em virtude do parto, logo após o nascimento da sua irmãzinha, quando então ele tinha um pouco mais de um ano de idade. Logo após a morte da mãe sua irmãzinha recém nascida, que ainda chegou a receber o nome de Odaléia, morreu ao fim de quinze dias⁵. Com a perda da mãe a fazenda Peixe transferiu-se para o pai do cronista, Arimathéia Tito⁶, que na época já era um jurista bem respeitado e conhecido. Após a morte da sua mãe seu pai voltou para cidade de Piri-piri, onde já havia sido juiz distrital e casou-se, pela segunda vez, com uma moça desta cidade, que passou assinar com o nome de Maria Edite de Resende Tito. O seu filho, A.Tito Filho, havia ficado aos cuidados da sua madrinha e avó D.Beata.

Após o segundo casamento, na cidade de Piri-piri, seu pai voltou para morar em Barras, por conta de sua transferência como juiz. Em seu retorno resolveu buscar A. Tito Filho na Fazenda Peixe, dirigindo um Ford-de-bigode, conforme as lembranças de

³ Esta imagem encontra-se em uma crônica presente em sua coluna “Caderno de Anotações”(Jornal do Piauí, 15/05/1973, p.2).

⁴ Beatriz Rodrigues também conhecida como “Beata” era uma viúva rica que pediu ao avô materno de A.Tito Filho um de seus filhos para criar (ele tinha 21 filhos) e ele concedeu sua filha Nize Rego, que mais tarde, após o casamento, passou a chamar-se Nize Rego Tito.

⁵ TITO FILHO, A. **Memórias**. Jornal O Dia 16/10/1988, p. 4.

⁶ José de Arimatéa Tito (18/08/1887- Barras (PI) 24/03/1963). Foi advogado, magistrado, jornalista, professor e poeta. Ocupou uma das cadeiras da Academia Piauiense de Letras (APL).

A.Tito Filho⁷. A busca foi motivada porque a jovem esposa, após três anos de casamento, ainda não havia dito filho. Novamente o cronista se via afastado de uma de suas mais queridas referências femininas e mais uma vez entrava em contato com uma ausência profunda dos seus referenciais maternos, pois sua madrinha, com a tristeza de sua partida, morreu de um ataque cardíaco no mesmo dia em que o pai fora buscá-lo.

A madrasta foi praticamente sua referência materna mais longa. Maria Edite de Resende Tito, o pai e A. Tito Filho gostavam de frequentar a Fazenda Peixe, que segundo as impressões do cronista era um lugar onde passou dias felizes, principalmente pelas atividades rurais que gostava muito de praticar como tirar leite da vaca e bebê-lo ainda quentinho, além de saborear os beijos apetitosos e longos banhos de riacho⁸. Depois que veio morar em Teresina gostava de ir passear também, no período de férias escolares, na cidade de Porto (que pertencia ao Município de Barras) onde se hospedava com seus tios Joaquim Gonçalves Cordeiro e D. Doninha. Para lá também se aventuravam neste período, seus primos que moravam em Teresina, mas que tinham parentes na cidadezinha de Porto. Sobre este período nosso cronista assim registrou

As férias coincidiam com a festa da padroeira: novenário, missa e procissão. E os leilões? Que leilões animados! O leiloeiro era o saudoso parente José Antero, da alta sociedade local, cidadão muito estimado. Quantas saudades dos banhos no Parnaíba, dos passeios de bicicletas, das festivas chegadas dos hidroaviões, semanalmente. Gente boa do lugar, os quitutes de minha tia Doninha. Em Porto tive a minha primeira aventura amorosa, dentro do mato com uma velha [...] E a ponte? A ponte onde a turma pilheriava até tarde da noite, comendo sardinha de lata e fumando cigarros fedorentos. A ponte ficava no meio da rua grandona, comprida, um verdadeiro avenida. Luz? De lampião nos postes de madeira, e de candeia, nas casas. Como se ver, Porto é também um dos meus lares queridos, que são quatro: Nossa Senhora dos Remédios, Barras, Porto e Teresina⁹

Embora haja certo silêncio sobre a morte da mãe, da irmãzinha e, principalmente, de D. Beata, em suas crônicas autobiográficas, principalmente aquelas

⁷ TITO FILHO, A. **Tombação (I)**. Jornal O Dia 19/08/1988, p. 4.

⁸ TITO FILHO, A. **Anotações**. In: TITO FILHO, A. **Crônicas**. Teresina: Gráfica e Editora Júnior / Secretaria de Cultura do Piauí, 1990, p. 43.

⁹ TITO FILHO, A. **Anotações**. In: TITO FILHO, A. **Crônicas**. Teresina: Gráfica e Editora Júnior / Secretaria de Cultura do Piauí, 1990, p. 43.

encontradas no Jornal *O Dia*¹⁰, em Teresina, e mesmo nos seus livros de crônicas¹¹, o que pode indicar certo processo traumático ou de recalque, não cansou de narrar sobre sua infância alegre e pitoresca. Sua imagem da infância como uma fase “despreocupada e travessa” é mostrada em várias de suas narrativas, como esta que acabamos de citar. As novenas, leilões, missas e procissões parecem fazer parte de suas lembranças mais sensíveis, e servem como “cenário” para suas memórias da infância. O período que passou dividido entre Nossa Senhora dos Remédios, Barras, Porto, possibilitou-lhe um trânsito intenso com o mundo das sociabilidades rurais.

Este mundo rural marcado pelas experiências sociais e religiosas em torno das festividades dos santos e padroeiros(as), transformou-se em um momento de sociabilidade muito esperado e para as crianças um momento aguardado por quase todo o ano, quando então podiam vestir roupas novas, comprar doces, bolos, brincar nos brinquedos armados na praça, ver pessoas diferentes. Era também a oportunidade de transgredir alguns conselhos dados em família, princípios internos de moralidade, além de ser uma forma de fugir a prática habitual do cotidiano. O cronista em suas “Anotações” sobre sua infância marca um momento de liberdade possibilitado pelo encontro na ponte da sua cidadezinha afetiva, quando na companhia dos colegas, entre conversas, risos e pequenos “lanches” recheados a sardinhas em lata e a cigarros fedorentos, podia se banhar nas águas do rio Parnaíba e passear de bicicletas.

A ponte que ficava no meio de uma rua “grandona”, que talvez fosse cumprida, para os referenciais emotivos de um garoto, é metáfora da passagem, principalmente da condição de menino para atitudes socialmente mais aceitas como adultas (podia fumar e ter aventura sexual). A presença de uma mulher mais velha, presente em seus relatos sobre sua iniciação sexual, na primeira década do século XX, era uma prática comum no mundo dos meninos, principalmente de sociabilidades

¹⁰ O *Jornal O Dia* foi fundado por Raimundo Leão Monteiro, em 01/02/1951, mas conhecido como Mundico Santídio. A.Tito Filho ingressou como colaborador, por volta de 1952, e saiu para exercer o cargo de Diretor do Liceu Piauiense, em 1954. Retornou para o jornal, em 1959, principalmente com críticas severas ao governo de Chagas Rodrigues (1959-1962). Deixou e voltou várias vezes para este ambiente de trabalho até seu falecimento, em junho de 1992.

¹¹ Do escopo de crônicas analisadas na pesquisa, encontrei apenas uma que abordava de maneira mais específica sobre a morte da mãe, da irmã e de sua avó, foi na crônica “Memórias”, no ano de 1988. Esta mesma crônica foi selecionada em seu livro **Crônicas** (1990), mas a parte referente à morte das três mulheres de sua família foi suprimida e o título modificado para “Anotações”.

rurais, daí a falta de pudores em descrever sua primeira prática sexual, pois não comprometia as moças mais novas e ditas de família que eram reservadas para o papel de esposas e mães¹².

Mas isto não quer dizer que o ato sexual tenha ocorrido com esta naturalidade informada pelo cronista e nem dizer que realmente tenha acontecido desta maneira, já que em outra narrativa sobre sua primeira relação sexual refere-se à presença de uma “roliça cabocla, mulatona de carnes muitas, que me iniciou na estória”¹³.Mostrar que a prática sexual era comum e fazia parte do mundo masculino, é uma opção do cronista já adulto. Fazer parecer uma “normalidade” era uma forma de comunicar das sensibilidades masculinas, que necessita de tais demonstrações para mostrar virilidade e opção sexual.

Viver não segue regras, principalmente esquemas rígidos embutidos em fases ou etapas da vida, estas constatações servem para pensar que o sujeito é cortado por diferentes “energias” que causam intensidades variadas, estas não podem ser aprisionadas em esquemas imutáveis ou que tenham caracterizações pré-estabelecidas. Desta maneira, é importante perceber que mais do que imagens da infância ou adolescência o que será levado em conta nas análises é aquilo que vai além de uma simples limitação estabelecida nos parâmetros de idade, mas sim, suas sensibilidades aquilo que corta o sujeito nas suas narrativas e dão conta de seus desejos, das suas intensidades e dos seus devires. Isto leva a perceber que as latitudes infância e adolescente, mas do que simples referenciais temporais, são sentimentos potencializadores e práticas que ao tempo que as circunscrevem, também dão lugar para o diferente, a aporia, o paradoxo. Ser criança ou adolescente, mas do que pertencer a uma faixa etária é um sentimento de atravessamento de sentidos, de devires.

Ser ultrapassa qualquer entendimento, e os movimentos de desterritorialização que marcaram o período da infância de A. Tito Filho, principalmente aqueles relativos à suas perdas, provocaram-lhe rasgos profundos, mas não o impediram de viver a intensidade do encontro, da alegria festiva e da surpresa. As

¹² CASTELO BRANCO. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do Século XX. Teresina: EDUFPI, 2008, p.60-62.

¹³ TITO FILHO, A. **Memória**. Jornal O Dia 16/10/1988, p. 4.

sociabilidades rurais e em família preenchiam suas memórias e impulsionavam seus deslocamentos. A importância que passou a dar a estes acontecimentos, principalmente quando desejava lembrá-los e significá-los pelo ato da escrita, marcou a forma como normalmente olhava e pintava o passado, pois sua experiência, bastante marcada pela trajetória interiorana, vai mais tarde, significar em suas narrativas tudo aquilo de melhor e mais inocente

A gente gostava desta época, principalmente a meninada travessa do meu tope. Pelas cinco da tarde, já eu estava banhado e de fatiota bonita e me dirigia ao largo da matriz. Comprava rebuçadas que as fazedoras da guloseima faziam em casa e mandavam vender embrulhadas em papel de seda. Eram dez balas gostosas numa tira só e cada qual separada da outra pelo embrulho torcido. Custava um tostão ou cem réis, como se denominava a mais humilde moeda metálica brasileira nesses recuados anos da minha infância¹⁴.

Esta época que o cronista se refere é o período de festejos da padroeira de sua cidade natal de Barras - Nossa Senhora da Conceição. A.Tito Filho em uma série de crônicas intituladas “João Adélia”, em menção ao tocador de bombardão da banda de música de Barras, que se apresentava nos períodos de festejo divertindo os participantes, traçou várias imagens de sua infância como esta que se refere às sociabilidades festivas que ocorriam, principalmente, no período de festas e novenas. Percebe-se nesta imagem a importância do banho e da roupa bem passada e limpa, que muitas vezes, também era nova, contribuindo para pensar a importância destes eventos para sua população e para os garotos e garotas de sua cidade que guardavam estes acontecimentos como momentos significativos em suas infâncias.

Além da roupa, sempre impecável, principalmente se temos em conta que era filho de uma pessoa representativa na sua cidade, outra imagem que atravessa a narrativa é o prazer de consumir, nestes dias de festa, um dos seus doces preferidos, a rebuçada. Parece que a mistura de doce, papel de seda e uma boa quantidade de bombons enrolados um a um davam-lhe certo prazer, principalmente porque nestes momentos de festa, as balas ganhavam outro gostinho - o de saboreá-las na companhia de seus amigos e livremente pelo festejo. Mas além da roupa arrumada, os doces, outra

¹⁴ TITO FILHO, A. **João Adélia (I)**. Jornal O Dia 20/05/1989, p.6.

atração que lhe enchia os olhos de menino era a banda de música, que animava os festejos, com seus músicos quase míticos para seus referenciais sentimentais de saudade.

A grande animação dos festejos estava, porém, na banda de música. Pouco mais das cinco da tarde o bombo chamava os músicos. Fazia-se pequeno ensaio, um por um experimentando os instrumentos do seu mister. Assim preparados, formavam colunas no meio da rua e ao som de dobrado marcial rumavam para a igreja, pois a novena se iniciava às sete horas. A garotada acompanhava a banda, com entusiasmo, admirando os tocadores mágicos que executavam músicas tão bonitas [...] Minha impressão maior vinha de João Adélia, o meu herói do bombardão, instrumento de boca enorme e sons baixos como roncões surdos e abafados¹⁵.

Gostos e sons fazem parte das impressões sensíveis do cronista com relação às imagens sobre sua infância, mas também sua aguçada percepção temporal que orienta suas lembranças. Às cinco da tarde, banho tomado, roupa limpa a espera da banda para iniciar a novena na Igreja. Sete horas da noite dava-se início da missa. As lembranças comportam gostos e sons quase proustianos, mas também referenciais temporais. É necessária uma boa pitada de sensibilidade equilibrada com doses extras de orientação para se desenhar o passado. Nada fogia aos becos da memória do cronista: o largo da Igreja, a Igreja, as doceiras, a banda de música, e principalmente aquele que se transformou em personagem de sua admiração – o João Adélia

A banda de música de Barras, nos meus tempos de menino, tinha João Adélia no sopro do bombardão. Ainda jovem ele dominava o instrumento com perícia e arte. Era de ver e de aplaudir o músico estimado soprando no bocal do aparelho metálico também chamado de contrabaixo, por cuja boca enorme saía o som grosso, abafado, de roncões curtos e intercalados [...] Dias de novenas em honra a Nossa Senhora da Conceição, os integrantes da orquestra simples e modesta vestiam o fardamento bonito, bem lavado e passado na goma, para que ficassem durinho nas pernas dos homens. Cedo ainda estavam no templo católico enfeitado e no adro se apresentavam em banco tosto de madeira. De vez em quando, executavam composições alegres, cercados de molecotes embevecidos com a sapiência de seus ídolos caboclos. Iniciada a reza pelo vigário, fazia-se silêncio¹⁶.

¹⁵ TITO FILHO, A. **João Adélia (I)**. Jornal O Dia 20/05/1989, p.6.

¹⁶ TITO FILHO, A. **João Adélia (II)**. Jornal O Dia 23/05/1989, p.5.

A série de crônicas sobre um dos ídolos do cronista, quando era menino, cartografa algumas das suas experiências infantis, principalmente aquela que dizia respeito à curiosidade sobre a forma como os músicos manejavam seus instrumentos e como se apresentavam durante a festa, com relação à postura e a forma de vestir-se. Estas atitudes dão conta das maneiras como a memória registrou a passagem do tempo, mas também de como o cronista no presente lembrou-se deste fragmento do passado, dando a ele uma importância significativa, principalmente porque dividiu estas lembranças sobre o período de sua infância em quatro partes onde, através da descrição do músico João Adélia, fotografou aspectos sensíveis de sua sociabilidade rural.

Sobre a presentificação das lembranças é importante dizer que toda lembrança é articulada no presente, o que faz com que as reflexões de A. Comte-Sponville¹⁷, em seu estudo sobre a metafísica do ser-tempo, sejam interessantes como ponto de partida para que possamos pensar a temporalidade de outra maneira. É importante pensar que quem lembra ou quem rememora alguma coisa parte sempre do presente para aquilo que designa de passado, sendo assim é importante pensar que

Há um só tempo, desde o início, e esse tempo é o presente. Quem dentre nós, já viveu outra coisa, percebeu outra coisa? O passado? Nunca é ele que percebemos, mas seus restos ou seus vestígios (monumentos, documentos, lembranças) que são presentes¹⁸

Desta maneira, os fragmentos do passado que chegam para o cronista presentificam o passado e são presentificados pela lembrança acionada no tempo de duração do agora, do instante¹⁹, o que abre a perspectiva de pensar as narrativas sobre a infância como sinais que chegam e são atualizados pelo cronista que, na ânsia de narrativizar suas lembranças, escolhe determinados fatos e versões para socializar com seus leitores. Mas do que narrativas do passado o cronista registra a forma como recepcionou os fatos, as pessoas, e como percebeu determinadas circunstâncias. Ele

¹⁷COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

¹⁸COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.48.

¹⁹BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo (Campinas): Verus, 2007.

sinaliza para imagens que foram importantes para ele, mas suas escolhas e perspectivas partem do presente, pois “a temporalidade não é o tempo tal como ele é, ou seja, tal como passa; é o tempo tal como dele nos lembramos ou como o imaginamos, é o tempo tal como percebemos e o negamos”.²⁰

As passagens que o cronista abre no tempo presente servem para atualizar aquilo que acreditava ser o passado, que não era nada mais do que um presente precedido por outro instante presente, já que existimos no tempo e nele nos constituímos e nos desenrolamos. Mas do que gostava ou queria que as outras pessoas soubessem sobre sua infância?

Garotote ainda, eu gostava de ler romances. Havia a loja do Juca Feitosa, em Teresina, e ali a gente adquiria Júlio Verne, os livros de aventura da coleção Terra, Mar e Ar, sempre o herói contra os bandidos. Comprei e li as obras completas de José de Alencar e algumas dos portugueses Camilo Castelo Branco e Pinheiro Chagas. Gostei do mineiro Bernardo Guimarães e do autor de A MORENINHA, Joaquim Manoel de Macedo. Nesse tempo vendiam livros de uma coleção de reduzido tamanho, autoria de franceses, ingleses e russos, em traduções excelentes. Lembro-me da leitura que fiz de obras de Zola, Onnet, Dostoiévski. Gostava de Emílio Salgari e do Tarzã, de Burroughs.²¹(O Dia, 31/03/1992 Português)

Nesta crônica não são mais as travessuras, brincadeiras ou sua admiração pelos músicos que tocavam na banda nos dias de festejos em sua cidade natal que merecem suas lembranças. Aqui ele preferiu dar prioridade a inventar uma trajetória de leitor desde sua infância. E não somente literatura nacional, mas também conhecidos nomes da literatura mundial. Esta forma de inventar-se como um costumaz leitor de obras consagradas era uma maneira criativa de legitimar sua condição, já adulto, de literato. Esta maneira de consagração através da memória, como se a vida inteira fosse uma preparação para o que iria se tornar foi uma estratégia bastante utilizada por outros escritores, que faziam parte de suas leituras a exemplo de Gilberto Freyre²² e Câmara Cascudo.²³

²⁰ COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.32.

²¹ TITO FILHO, A. **Português**. Jornal O Dia, 31/03/1992, p.5.

²² PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

²³ SOUTO, Carlos Magno dos Santos. **O Avissareiro**: a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas

A construção da imagem de leitor era um suporte de memória que lhe auxiliava na construção de seu perfil de literato, mas também se mostrava um mecanismo capaz de dialogar com seus leitores formando um reservatório de imagens do cronista como uma pessoa que lia efusivamente, desde a mais tenra idade, tanto literatura nacional como traduções de obras da literatura mundial. Esta invenção da “tradição” de leitor somente é possível porque “ao escrever o escrevente cria a si mesmo ativamente”.²⁴ Esta constatação colabora para pensarmos que a imagem de si, muito diferente do que alguns pensam, é fruto de um trabalho árduo, constante e viabilizado pela experiência no tempo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. São Paulo (Campinas): Verus, 2007.
- CASTELO BRANCO. **História e masculinidades**: a prática escriturística dos literatos e as vivências masculinas no início do Século XX. Teresina: EDUFPI, 2008, p.60-62.
- COMTE-SPONVILLE, André. **O Ser-Tempo**: algumas reflexões sobre o tempo da consciência. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre**: um vitoriano dos trópicos. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- SOUTO, Carlos Magno dos Santos. **O Avissareiro**: a Natal antiga e a nova Natal nas crônicas cascudianas (1940-1950). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2009.
- TITO FILHO, Arimathéa. **Memórias**. Jornal O Dia 16/10/1988, p. 4.
- _____. **Tombação (I)**. Jornal O Dia 19/08/1988, p. 4.
- _____. **Anotações**. In: TITO FILHO. A. Crônicas. Teresina: Gráfica e Editora Júnior / Secretaria de Cultura do Piauí, 1990, p. 43.
- _____. **Memória**. Jornal O Dia 16/10/1988, p. 4.
- _____. **João Adélia (I)**. Jornal O Dia 20/05/1989, p.6.
- _____. **João Adélia (II)**. Jornal O Dia 23/05/1989, p.5
- _____. **Português**. Jornal O Dia, 31/03/1992, p.5.

cascudianas (1940-1950). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2009.

²⁴ TELLES, Norma. **A escrita como prática de si**. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (org.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009, p.298